

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

Ambrosii Theodosii Macrobiani Saturnalia apparatus critico instruxit, **In Somnium Scipionis Commentarios** selecta uarietate lectionis instruxit IACOBVS WILLIS. Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri, 1963, 2 vols, X + 466 pp. e 248 pp.

Quem estiver convencido de que a Introdução de uma edição crítica, em que são discutidos em latim manuscritos e edições do texto em apreço, constitui necessariamente leitura maçadora e difícil, leia a «Praefatio» de Willis a esta edição de Macróbio. Verificará que o editor, além de desprezioso, é dotado de um razoável sentido de humor.

Dos seus predecessores louva L. von Jan, cuja edição torna dispensável a consulta das anteriores, e F. Eyssenhardt, que, embora tenha utilizado apenas três códices, fez a sua colação com tanto rigor, que Willis, ao repetir o trabalho, poucas faltas encontrou.

Para os *Commentarii in Somnium Scipionis*, que constituem o 2.º volume, juntamente com o texto do próprio *Somnium*, não dá qualquer sumário da colação de manuscritos, pelo excesso deles, «dado que em todos os mosteiros, se havia um frade que para nada prestasse, inútil a si e aos outros (como é costume dizer-se), incapaz até de pegar numa enxada, logo lhe metiam na mão a pena e o mandavam copiar Macróbio» (p. X).

O autor das *Saturnalia* é mina de antiquilhas e escreve num latim sem grandes embaraços. Cito uma curiosidade, ao acaso. Quem não acreditar na matança dos inocentes, ordenada por Herodes, pois fique sabendo que o imperador Augusto, seu contemporâneo, ao saber como nem o próprio filho do «rex Iudaeorum» havia escapado, comentara: «É melhor ser o porco de Herodes, do que ser seu filho» (2.4, 11). Além deste gracejo, um pouco macabro, há outros mais espirituosos de Cícero, de Augusto e de sua filha Júlia, tão aguda de espírito como livre de costumes.

Mas o grande tópico dos *Saturnalia* é certamente Virgílio, cuja presença se verifica incessantemente. E o dos *Comentarii* é naturalmente Cícero.

Neste mesmo volume de *Humanitas* (1), Macróbio é citado a propósito das fontes de um passo virgiliano e, de facto, ninguém pode estar seguro de dominar a exegese da *Eneida*, sem um bom conhecimento dos *Saturnalia*.

E há informações variadas, de toda a espécie, algumas delas com interesse documental, sobre o espírito do século em que viveu Macróbio. A humanidade para com os escravos, por exemplo, demonstrada a propósito de casos significativos que podem ser encontrados com recurso ao «Index Rerum», s. v. *Serui*.

Os dois índices no final do volume II («Scriptorum»; «Rerum») são completíssimos. Também não está ausente deles a ironia de J. Willis, como pode ver-se, por exemplo, s. vv. *uector* e *Venus* (1.24, 7). Pareceu-me, entretanto, que faz falta uma entrada para *platanus*, não obstante o respectivo passo (3.13, 3) ser aduzido a

(1) Pp. 51-52.

respeito de *Tusculanum Hortensii*, *Hortensii luxus* e *uinum*. Com efeito, o passo é famoso, pelo menos em Portugal, onde a prática de regar os plátanos com vinho foi discutida pelos humanistas do século XVI, que se ocuparam dessa árvore, então misteriosa.

A. C. R.

FERGUS MILLAR, **A Study of Cassius Dio**. Oxford, at the Clarendon Press, 1964, XIV + 240 pp.

Dion Cássio, de seu nome completo *Cassius Dio Cocceianus*, não é um historiador muito lido em nossos dias. Por outro lado, da sua *Historia Romana* está apenas conservada uma parte, «nos livros 36-54 (68 — 10 a.C.), em fragmentos substanciais dos livros 55-60 (9 a.C. — 46) e numa secção que abrange parte dos livros 79-80 (da morte de Caracala a metade do reino de Heliogábalo)».

A sua história em grego visa as grandes figuras, mais do que a sucessão dos factos cronologicamente dispostos, à maneira dos analistas. Assim, chegou até nós a parte relativa a Cícero, que testemunha o efeito da campanha de denegrimiento realizada no começo da época imperial contra o Arpinate e o efeito pernicioso para a sua memória, da publicação da correspondência.

Mas a obra de Dion Cássio é particularmente valiosa sobre a sua época. E a sua própria carreira de alto funcionário do Império e historiador, que Fergus Millar pormenoriza, é muito elucidativa. Ela testemunha a prosperidade de que gozavam as cidades gregas no final do 2.º século, dentro da organização romana, e as possibilidades abertas aos elementos mais cultos das variadas regiões submetidas a Roma. Foi esta comunidade plurirracial que assegurou a sobrevivência do Império Romano, não obstante a ocasional incapacidade dos dirigentes supremos.

O livro, adaptação e ampliação duma tese doutoral, lê-se com interesse crescente, apesar da multiplicidade das figuras políticas e dos acontecimentos em que elas participaram.

A. C. R.

IIRO KAJANTO, **On the problem of the average duration of life in the Roman Empire**. Helsinki, Suomalainen Tiedeakatemia, 1968, 30 pp.

Quem tenha observado as idades das pessoas recordadas, por exemplo, nas inscrições funerárias de Conimbriga (1), fica com a impressão de que não era elevada a duração da vida no Império Romano. No caso de Conimbriga, trata-se apenas

(1) Cf. *Humanitas*, XI-XII, 1959-60, 112-132.

de uma impressão, mas há estudos feitos e percentagens apuradas para alguns locais do Império.

O autor do presente trabalho descrê da maior parte das conclusões numéricas até hoje publicadas, porque as inscrições não representam igualmente todos os grupos de idades.

Analisando os estudos já feitos para diversas cidades e províncias do Império, acaba por concluir: «Embora seja provável que a média de duração da vida estivesse sujeita apenas a alterações sem importância, de um país para outro, o material epigráfico não possibilita o cálculo dessa média».

A. C. R.

Italian Renaissance Studies edited by E. F. JACOB. Londres, Faber & Faber, 1966, 508 pp.

A edição brochada deste livro saiu em 1966. Em 1960 aparecera, na mesma casa, a edição encadernada.

O organizador desta colecção de estudos sobre Renascimento Italiano, E. F. Jacob, é professor de História Moderna na Universidade de Oxford e pertence-lhe o capítulo inicial: «An approach to the Renaissance». O livro é dedicado à professora oxoniense de Renascimento Italiano, Doutora Cecilia Mary Ady (m. 1958) sobre quem aparece no fim do volume uma nota biográfica da autoria de John Hale.

Damos seguidamente uma lista dos restantes colaboradores e respectivos trabalhos: Denys Hay, «Italy and Barbarian Europe»; Roberto Weiss, «Italian Humanism in Western Europe»; J. R. Hale, «War and public opinion in Renaissance Italy»; L. F. Marks, «The financial oligarchy in Florence under Lorenzo»; Nicolai Rubinstein, «Politics and Constitution in Florence at the end of the Fifteenth Century»; D. M. Bueno de Mesquita, «Ludovico Sforza and his Vassals»; P. J. Jones, «The end of Malatesta rule in Rimini»; Peter Partner, «The 'budget' of the Roman Church in the Renaissance period»; E. H. Gombrich, «The early Medici as patrons of art»; Edgar Wind, «Maccabean histories in the Sistine ceiling»; Maurice Bowra, «Songs of Dance and Carnival»; John Sparrow, «Latin Verse of the High Renaissance»; Cecil Grayson, «Lorenzo, Machiavelli and the Italian language»; John Armstrong, «An Italian Astrologer at the court of Henry VII»; Charles Mitchell, «Archaeology and Romance in Renaissance Italy».

Todos os capítulos me pareceram interessantes, embora tenha lido com mais atenção os trabalhos de Roberto Weiss e John Sparrow: o primeiro, por inserir duas páginas sobre o Humanismo Italiano em Portugal; o segundo, por dar uma visão panorâmica da poesia neo-latina em que se valoriza a sua originalidade e conteúdo poético, com nítido progresso sobre os conceitos ultrapassados de Philippe Monnier, por exemplo.

Todavia, R. Weiss, a quem devemos estar gratos pelo seu interesse a respeito da cultura portuguesa, é levado pelas suas fontes bibliográficas, a americana Caro Lynn e o italiano Guido Battelli, a cometer alguns erros. Assim, baseado em Caro Lynn (1), informa erradamente que Cataldo Parisio Sículo teria ensinado em Coimbra (onde, aliás, não estava então a Universidade) até 1495. De facto, a única referência indirecta a Coimbra, que conheço, excluindo o título do seu discípulo D. Jorge, «dux Colubriae», como ele lhe chama, é a menção fortuita de uma cheia do Mondego, em *Epistole Cataldi*, d vj v.º Mas parece não ter vivido em Coimbra.

Guido Battelli (2), por seu turno, induz Weiss em erro, ao apresentar Luís Teixeira como autor da oração latina, dirigida a D. João II. Na realidade, ele foi apenas o tradutor para latim dum discurso pronunciado em português por seu pai o chanceler-mor João Teixeira, quando D. João II criou o primeiro marquês de Vila Real.

O livro apresenta ainda 40 gravuras em «couché»; e um competente Índice Onomástico e Ideológico, da autoria de Rosamond Leys.

A. C. R.

ELISABETH FEIST HIRSCH, **Damião de Góis**. The life and thought of a Portuguese Humanist, 1502-1574. The Hague, Martinus Nijhoff, 1967, xvi + 243 pp. (3).

O volume 19 dos *International Archives of the History of Ideas* é o livro da investigadora americana, de origem alemã, Elisabeth Feist Hirsch, sobre Damião de Góis. Trata-se de uma obra notável, acima do nível da produção corrente americana sobre temas do nosso século XVI. E a circunstância de ter sido publicada em inglês decerto lhe conferirá maior ressonância internacional, com vantagem para a divulgação, em meios universitários, de alguns aspectos da nossa história cultural quinhentista. Bem merece, pois, a Autora a nossa gratidão.

Entretanto, para que a recensão fique menos incompleta, mencionemos algumas limitações e deficiências deste importante estudo.

A limitação mais séria reside na falta de informação da Autora sobre literatura recente, publicada entre nós, a respeito de Cataldo Parisio Sículo, e da data da introdução do Humanismo em Portugal, que é bastante anterior à que vinha sendo admi-

(1) *A College Professor of the Renaissance — Lucio Marineo Siculo among the Spanish Humanists*, Chicago, 1937, 106-107.

(2) «La corrispondenza del Poliziano col re Don Giovanni II di Portogallo», *La Rinascita*, ii (1939), 280-298.

(3) Uma recensão ligeiramente diferente da actual foi publicada em *Colóquio* 48, Abril de 1968, p. 67.